

Design no contexto econômico e social em missão de estudos PROCAD: quando a rua é alternativa de trabalho

*Design in the economic and social context on a PROCAD study mission:
when the street is an alternative to work*

Pedro Rocha Sousa Filho, Mestre em Design, Universidade Federal do Maranhão.

pedro_rocha_filho@hotmail.com

Yrisvanya J. Birino Macedo, Mestra em Design, Universidade Federal do Maranhão.

yrisvanya.jbm@gmail.com

Jackelyne Rodrigues de Oliveira, Graduada em Design, Universidade Federal do Maranhão.

jackelynne2013@gmail.com

**Ana Lúcia A. de O. Zandomeneghi, Doutora em Engenharia de Produção,
Universidade Federal do Maranhão.**

ana.zandomeneghi@ufma.br

**Raimundo Lopes Diniz, Doutor em Engenharia de Produção, Universidade Federal
do Maranhão.**

rl.diniz@ufma.br

Resumo

Na esteira de crises econômicas no Brasil, chegamos ao século XXI com o crescimento do desemprego, como consequência, tem-se o aumento de trabalhadores informais nas ruas. A situação contemporânea solicita reflexão, pois o desafio está no trabalho decente, inclusivo e sustentável para todos. Nesse contexto, a pesquisa no âmbito do design é importante, visto que pode proporcionar direcionamentos de melhorias para as pessoas que atuam no setor e para a economia. De investigação teórica com características aplicada, descritiva e qualitativa, o presente estudo, que é fruto de parceria entre as Universidades Federais do Maranhão e do Paraná, por meio do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia – PROCAD/ AMAZÔNIA, busca divulgar vivências acadêmicas de missão de estudos, na cidade de Curitiba, em 2019. A experiência urbana, com abordagem colaborativa, permitiu observar a prática nas ruas, coletar dados e realizar estudo de caso. Portanto, como resultados, explanam-se contribuições para a melhoria da atividade.

Palavras-chave: Informalidade; Vendedores de Rua; Design; Economia.

Abstract

In the wake of economic crises in Brazil, we reached the 21st century with the growth of unemployment, as a consequence, there is an increase in informal workers on the streets. The contemporary situation calls for reflection, as the challenge lies in decent, inclusive and sustainable work for all. In this context, research in the scope of design is important, since it can provide direction for improvement for people working in the sector and for the economy. Of theoretical research with applied, descriptive and qualitative characteristics, this study, which is the result of a partnership between the Federal Universities of Maranhão and Paraná, through the National Program for Academic Cooperation in the Amazon - PROCAD / AMAZÔNIA, seeks to disseminate academic experiences of study mission, in the city of Curitiba, in 2019. The urban experience, with a collaborative approach, allowed observing the practice on the streets, collecting data and carrying out a case study. Therefore, as a result, contributions to the improvement of activity are explained.

Keywords: Informality; Street vendors; Design; Economy.

1. Introdução

Cotidianamente nos centros urbanos de países em desenvolvimento, os vendedores informais são quase sempre visíveis nas ruas, nas calçadas, estacionamentos, parques, feiras, entre outros espaços, que são moldados pela complexa interação do trabalho informal licenciado e não licenciado (LOUKAITOU-SIDERIS; MUKHIJA, 2016; TRUONG, 2018).

A *International Labour Office* - ILO, aponta que em muitos países com economias em desenvolvimento, o emprego informal representa uma parte significativa da economia e do mercado de trabalho, desempenhando também, um papel de grande importância na produção, criação de emprego e geração de renda (INTERNATIONAL LABOUR OFFICE, 2018). Desse modo, a existência da alta informalidade tem despertado o interesse de pesquisadores e dos gestores de políticas públicas (CHEN *et al.*, 2006; COLETTI, 2010; BOSCH; ESTEBAN-PRETEL, 2012; CHEN; XU, 2017).

Compreender os fatores que determinam a economia informal tornou-se uma questão considerada crucial para os indicadores de desenvolvimento econômico, devido ao déficit que causa sobre a economia (ELBAHNASAWY *et al.*, 2016). A informalidade também pode colocar os trabalhadores em maior risco de vulnerabilidade e precariedade, além disso, tem um forte impacto na segurança ocupacional, saúde e condições de trabalho em geral (INTERNATIONAL LABOUR OFFICE, 2018; ACHEAMPONG, 2018).

Nesse contexto, o projeto *Comunidades Criativas e Saberes Locais: design no contexto social e cultural de baixa renda*, viabilizado pelo *Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia – PROCAD / AMAZÔNIA 21/2018*, com parcerias estabelecidas entre a Universidade Federal do Maranhão – UFMA e a Universidade Federal do Paraná – UFPR, contando também com a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG); busca o desenvolvimento de conhecimento relacionado à região Amazônica, integrando de forma

harmônica a dimensão social, econômica e ambiental da sustentabilidade para o desenvolvimento sustentável.

Assim, a proposta de estudo inserida no referido projeto, e que tem por título *Design de Base Popular e inserção social: o caso do trabalho informal, foco na função prática*; proposto pelo Núcleo de Ergonomia em Processos e Produtos – NEPP, da UFMA, e coordenado pelo Prof. Dr. Raimundo Lopes Diniz, procura trazer entendimento acerca dos artefatos de apoio à venda de produtos/serviços dos vendedores de rua, com o objetivo de proporcionar eficiência da função prática (de uso) e, como consequência, maior mobilidade socioeconômica aos trabalhadores informais. O termo “artefato” aqui é entendido como o produto deliberado da mão-de-obra humana (HOUAISS, 2001).

Desse modo, o presente texto apresenta um recorte teórico da problemática e divulga vivências acadêmicas da primeira missão de estudos, do projeto citado, dos discentes da pós-graduação, na época, mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Design – PPGDg da UFMA, hoje, mestre Pedro Rocha e mestra Yrisvanya Macedo.

Na oportunidade da missão, entre os meses de abril a agosto de 2019, a discente da graduação em Design da UFMA, Jackelyne Oliveira, também participou das ações na cidade de Curitiba, porém, durante os dois meses iniciais. Assim, contou-se com o apoio da UFPR, no Núcleo de Design e Sustentabilidade, coordenado pelo Prof. Dr. Aguinaldo dos Santos e no Laboratório de Ergonomia e Usabilidade, coordenado pela Profa. Dra. Maria Lucia Okimoto.

Atrelado ao contexto da experiência urbana, desdobramentos de estudo de caso e dados coletados na cidade são mais descritos, bem como comparações entre Curitiba e São Luís – MA, que são apresentadas de forma pontual. Visto que, o foco dado aqui está para a aproximação e observação da cidade curitibana e dos vendedores de venda informal, de modo colaborativo, vislumbrando direcionamentos de melhorias para as pessoas que atuam na atividade e direcionamento de estudos futuros no projeto de pesquisa.

Portanto, dentro das competências do design, que requer do profissional da área um repertório variado para o desenvolvimento de projetos, solicita-se do mesmo, também, ações voltadas às necessidades de grupos sociais e ambientais (ELLWANGER; NIEMEYER, 2013). Para Moura (2018), a atuação do Designer deve ser de responsabilidade, contribuindo para a transformação e a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Uma vez que, é de sua responsabilidade às questões sociais, o compromisso com a ética e o desenvolvimento econômico da sociedade (FORNASIER; MARTINS; MERINO, 2012).

2. O papel econômico e as questões sociais dos vendedores de rua em contextos emergentes

O termo “economia informal” ou “setor informal” se originou a partir de Keith Hart, durante a realização de uma pesquisa no final do ano de 1960 em Gana. No estudo, Hart (1973) observou o expressivo número de pessoas afastadas do setor formal econômico e envolvidas em empregos caracterizados como de auto remuneração, mediante ao fato, empregou-se a expressão “setor informal”. Posteriormente, no início dos anos 70, o termo foi novamente utilizado pela *International LABOUR*, quando pesquisadores da ILO -

International Labour Office realizaram uma pesquisa empírica no Quênia (COLETTI, 2010).

Assim, a economia informal abrange os empregos que não estão inseridos dentro de um setor formal com regras previamente estabelecidas pelo governo. Cross (2000) defende que a economia informal compreende as pessoas que trabalham cotidianamente com bens e serviços sem qualquer respaldo legal, ou seja, com ocupação ilegal de locais de trabalho e ausência de documentos fiscais, além da falta de formalização de contratos de trabalhos com fornecedores e clientes. Para Ruzek (2014), a economia informal é um termo considerado amplo e refere-se aos diversos aspectos da economia de um país que não são tributados ou monitorados pelos governos e não estão incluídos no Produto Interno Bruto – PIB, desses países. E Hart (1973), define que a economia informal é um conjunto de atividades econômicas que acontecem sem o devido comprimento de regulamentos burocráticos governamentais.

Sendo os vendedores de rua trabalhadores informais e participantes da economia informal, uma característica particular deles é a sua mobilidade nas atividades diárias, proporcionando o deslocamento de um lugar para o outro, além da flexibilidade em montar e desmontar seus artefatos de apoio à venda. Podendo aparecer em um momento e desaparecer em outro, o que lhes permite assumir muitos espaços nas cidades na busca pelo sustento pessoal e, muitas das vezes, familiar (TRUONG, 2018).

De acordo com a *International Labour Office* (2015), a maioria das pessoas que trabalha em situações informais não optaram pela escolha pessoal da atividade, mas, sim, devido à falta de melhores possibilidades. Entretanto, Truong (2018) considera que abordar a pobreza como linha direta para a informalidade é complicado, pois, embora a informalidade esteja relacionada com a pobreza, nem todas as pessoas que trabalham na informalidade são consideradas pobres.

Elgin e Oztunali (2014), relatam que as economias dos países desenvolvidos, quando comparadas aos mercados emergentes têm, geralmente, uma grande economia informal, e que o desenvolvimento econômico por si só, não levará à eliminação gradual da economia informal. Implicando assim, em ações inovadoras para abordar a crescente diversidade das situações em que o trabalho informal é realizado (INTERNATIONAL LABOUR OFFICE, 2018).

O relatório *Work for a Brighter Future* de 2019, constatou que mais de 2 bilhões de trabalhadores (61,2% da população empregada mundial) fazem sua vida na economia informal. Geograficamente, o emprego no setor informal, mostra um cenário impressionante: na África, 85,8% do emprego é informal; na Ásia e no Pacífico chega na proporção de 68,2%; nos Estados Árabes, 68,6%; nas Américas, 40%; e na Europa e na Ásia Central, pouco acima de 25%. De maneira holística, evidenciou-se no relatório que 93% do emprego informal presente no mundo está nos países emergentes e em desenvolvimento. No Brasil, como exemplo, o índice de informalidade é de 46% (INTERNATIONAL LABOUR OFFICE, 2018).

Os dados demonstram a representatividade que o trabalho informal tem na economia de países em desenvolvimento, podendo ser positiva e/ou negativa. De acordo com Schneider e Enste (2000), em países em desenvolvimento como no Egito e Tailândia, a economia informal foi de grande importância, exercendo cerca de 70% do PIB no início de 1990. Nesse sentido, para Chen e Xu (2017), a informalidade trata-se de um fenômeno global com incidências em países desenvolvidos e em desenvolvimento.

Na China, com a redução do emprego informal na economia, observaram-se duas implicações distintas: por um lado, o progresso do país no desenvolvimento humano como o processo de formalização, proporcionando maior renda e melhor bem-estar; mas, por outro lado, para o capitalismo, o custo com o trabalho é desafiador, acarretando em despesas sociais sobre os cuidados de saúde, educação e previdência (CHEN; XU, 2017).

Durante o século XX, a visão dominante era que o emprego informal gradualmente ia desaparecer devido ao advento da economia formal moderna (PACKARD, 2007; ADOM; WILLIAMS, 2012; WILLIAMS, 2015). No entanto, ao longo da última década, notou-se um crescente reconhecimento de que o setor informal continua a ser uma característica proeminente de muitas economias no mundo (WILLIAMS, 2013). Outra visão relatada no *International Labour Office* (2018), é que os avanços tecnológicos devem contribuir para o surgimento de novas profissões, o desaparecimento e/ou a modificação de outras, entre elas, a venda de rua.

Segundo Marques e Neto (2010), muitas pessoas que usam as ruas como local de venda, não têm carteira assinada, consequentemente, em muitos casos, trabalham em ambientes insalubres, como: calçadas, praias e/ou em eventos diversos. Além disso, também atuam em vias públicas, a pé, carregando a própria mercadoria junto ao corpo, em sacolas, malas ou carrinhos de mão. Há casos em que possuem artefatos de apoio à venda, como: barracas removíveis, trailers, veículos automotivos, tabuleiros e/ou tapete estendido no chão.

Nesse contexto, a proposição de novos direcionamentos e estruturação, sem dúvida, pode contribuir com melhorias aos trabalhadores do setor informal. Visto que habilidades exigidas em ocupações antigas e em novas mudarão e transformarão como e onde as pessoas trabalharão (INTERNATIONAL LABOUR OFFICE, 2018).

No viés da sustentabilidade, para Ruzek (2014), ao apoiar os setores informais como os de segmento agrícola, vendedores de rua, entre outros; uma mudança na sociedade pode ser desenhada, visto que possibilitará o declínio do uso de carro nos trajetos de venda, contribuindo para o desenvolvimento econômico sustentável. Na Índia, desde as reformas da década de 1990, o comércio informal de rua tem desempenhado um papel cada vez maior na economia. E, em março de 2014, foi adotada uma lei federal que protege os direitos dos comerciantes de rua (SALÈD, 2018).

3. Viés do método de pesquisa em missão

A ida ao campo de pesquisa foi alicerçada inicialmente com levantamento bibliográfico sobre os temas: venda informal, economia informal, melhoria do trabalho nas ruas. Posteriormente, as vivências acadêmicas urbanas apoiaram-se na abordagem colaborativa.

Tal postura foi utilizada como estrutura de observação e encontros. Dessa forma, as opiniões e estratégias quanto aos artefatos de apoio à venda dos vendedores de rua, colaboradores do estudo, foram levadas em consideração para a busca de soluções relacionadas aos problemas identificados.

Manzini (2015) e Snow (2015) apontam que a colaboração ocorre quando as pessoas se encontram e trocam fontes com o objetivo de criar valores compartilhados. Assim, acredita-se que inovação social acontece quando “mudanças no modo como indivíduos ou

comunidades agem para resolver seus problemas ou criar novas oportunidades” (MANZINI, 2008, p.61).

Desse modo, os dados da pesquisa de campo (vivências acadêmicas nas ruas), que ocorreram entre os meses de abril a agosto de 2019, foram coletados seguindo os seguintes objetivos: (i) Observações assistemáticas das atividades dos vendedores de rua, anotações em cadernetas de campo e registros fotográficos por meio de câmera de telefone móvel; (ii) Mapeamento dos pontos nos quais a presença dos vendedores de rua era notada (licenciados e não licenciados) com auxílio de mapa virtual gratuito (*Google Maps*); (iii) Entrevistas semiestruturadas com os vendedores de rua, levantando dados, como: *pessoais* (nome, idade, sexo, escolaridade, renda e composição familiar), *do trabalho* (local de trabalho, carga horária, se existe deslocamento, rotina de trabalho) e, *questões técnicas sobre o artefato de apoio à venda* (se produziu, comprou produzido ou ganhou).

Destaca-se, mais uma vez, que o texto trará o olhar holístico das vivências acadêmicas em missão, nesse sentido, não apresentará resultado aprofundado das entrevistas realizadas com os vendedores e atividades realizadas com os mesmos, como do estudo de caso, por exemplo, que ocorreu nos meses de julho e agosto de 2019, envolvendo reuniões colaborativas com um vendedor de rua licenciado.

4. Resultados, análises e discussões: fruto da missão de estudos

Curitiba – PR é conhecida por seu planejamento urbano, mobilidade, desenvolvimento social, econômico e ambiental. Assim, a equipe missionária chegou na cidade em 06 de abril de 2019 e, a trajetória do intercâmbio iniciou-se com o olhar voltado para as pessoas e suas idiossincrasias. Conforme o olhar de Corrêa (2018), optou-se em “vagar pelas ruas de Curitiba”, atravessando-se “pelos prédios e casas, pelos ritmos de abertura das lojas e comércios de rua e pela experiência de estar na cidade”, observando o design urbano.

Aos poucos e com as demais atividades desenvolvidas durante os quatro meses da missão de estudos, como: disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Design – PPGDesign – UFPR; aprimoramento de conhecimentos no Laboratório de Ergonomia e Usabilidade – LABERG; palestras no projeto Pensar e Fazer Design; reuniões para viabilização de pesquisas com empresas e/ou instituições locais, entre elas, o Centro Brasil Design – CBD; participação em eventos (*Design for Sustainable Behavior Research Group*; *Design Walk In Curitiba*; Congresso Brasileiro de Ergonomia – ABERGO e Primeira Jornada do Programa de Pós-Graduação em Design - UFMA), entre outras atividades; pôde-se construir um repertório para a pesquisa de campo com os vendedores de rua da cidade.

A cidade curitibana possui organização ao que tange o vendedor de rua, pois, a prefeitura, através de um processo seletivo, dá a concessão de licença às pessoas para integrar o comércio no centro da cidade. Por outro lado, na cidade de origem dos missionários, São Luís - MA, ainda que a atuação do comércio de rua seja disciplinada pelo Código de Postura de São Luís, Lei 1.790, de 12 de maio de 1968 por meio de licenciamento, percebe-se que, muitas pessoas trabalham de forma não licenciada (ilegal), diferente de Curitiba, que poucos trabalhadores ilegais foram encontrados.

Nesse sentido, através da pesquisa de campo, o mapeamento dos locais de existência de vendedores de rua foi realizado, observando-se maior concentração em feiras urbanas

realizadas semanalmente. Também foi possível notar a presença de vendedores em bairros mais afastados do centro, porém, em menor quantidade e sem possuírem licença da prefeitura para praticarem a atividade. Então, compreendeu-se como conhecimentos das vivências:

- Análises das condições de venda dos vendedores de rua entre as cidades de São Luís – MA e Curitiba – PR, além de diferenças legais de venda, organizacionais e da cultura;
- Identificação dos principais modelos de artefatos de apoio à venda e materiais que os vendedores de rua de Curitiba usam (artefato hexagonal com o material bambu (sistemas de encaixes) e artefatos de metal retangulares dobráveis);
- Constatação que a concentração de vendedores de rua acontece com maiores índices nas áreas do Passeio público (Parque municipal) e Largo da ordem (Região do centro histórico em que ocorre uma feira aos domingos). E, nos bairros afastado do centro, é possível encontrar vendedores de rua, licenciados e não licenciados, mas, em quantidade reduzida;
- Evidenciação da necessidade de ajustes nos artefatos de apoio à venda, pois segundo alguns vendedores entrevistados, os artefatos, sejam os de bambu ou os de metal, que foram fornecidos por empresas que possuem parceria com a prefeitura (padronizados), não atendem todas as suas necessidades de venda, assim, desenvolvem adaptações para melhorarem suas atividades;
- Identificação de vendedores licenciados que trabalham com artefatos de apoio à venda diferentes dos padronizados, desenvolvidos e fabricados por eles mesmos, com materiais alternativos e/ou comprados. Além disso, esses artefatos obedecem a critérios de dimensionamentos estabelecidos pela licença da prefeitura, bem como de localização na cidade;
- Reconhecimento de trabalhadores não licenciados (ilegais) que trabalham com artefatos de apoio à venda fabricados por eles mesmos, sem seguir um padrão, bem como de materiais e, sem necessariamente, possuir um lugar fixo de venda nas ruas;
- Constatação da necessidade de melhorias nos artefatos de apoio à venda que os próprios vendedores desenvolveram e/ou modificaram, para que assim, tenham melhores postos de trabalho e, também, melhores resultados na venda de produtos;

No cenário apresentado, é oportuno observar e refletir sobre o cotidiano difícil desses trabalhadores, que empreendem para sobreviverem e são desprotegidos dos benefícios formais de leis trabalhistas; sem contar o preconceito e a violência que sofrem, e ainda, dos limites impostos pelos sistemas governamentais, que oprime e reduz os seus direitos enquanto cidadãos, os colocando ainda mais em vulnerabilidade econômica e social, mesmo quando obtêm o direito a atividade e estão inseridos no desenho urbano de forma organizada.

O contexto de trabalho dos vendedores de rua também proporciona a presença de risco à sua integridade física e à sua saúde mental. Naido *et al.* (2009), comprovaram, por meio de avaliações, a presença de riscos para a saúde dentro do setor informal, como: lesões físicas, saúde com impactos negativos, distúrbios musculoesqueléticos, exposição a substâncias químicas e estresse psicossocial. E, de acordo com Lund *et al.* (2016), em Gana e no Brasil, percebe-se que, em uma perspectiva de infraestrutura, vendedores de rua, na maioria das vezes têm acesso limitado a comodidades básicas, como: abrigo para seus bens, banheiros, água, fontes seguras e confiáveis de energia e, segurança contra incêndios.

Diante disso, a Figura 1 evidencia uma compilação de fotos tiradas na cidade de Curitiba, compreendendo que: a dinâmica da venda é intensa nas *feiras de rua* e/ou em eventos

organizados pela prefeitura. E, nos muitos parques da cidade, observou-se pouca presença dos trabalhadores. Logo, as pessoas que trabalham com *artefatos de apoio à venda padronizados e licenciados*, obtêm horários e lugares estabelecidos, nesse sentido, as feiras são montadas (aparecem) e desmontadas (desaparecem). Os trabalhadores com *artefatos de apoio à venda licenciados*, mas, desenvolvidas por eles mesmos sem padrão, também se inserem na mesma dinâmica, contudo, são responsáveis por desmontarem e guardarem seus artefatos de apoio à venda. Por outro lado, os vendedores que usam o *apoio de venda e o artefato de apoio à venda não licenciados*, desenharam seus artefatos para praticarem a venda nas ruas, porém, com a necessidade imprescindível de retirarem-se rapidamente quando notam a fiscalização.

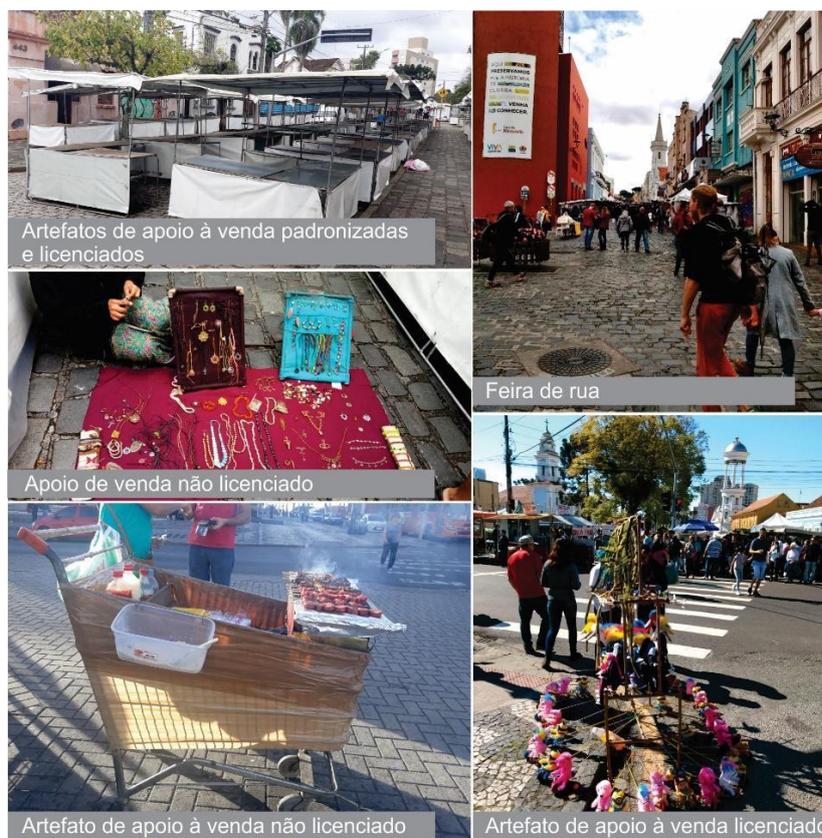


Figura 1: Movimento das ruas: artefatos de apoio à venda. Fonte: Elaborado pelos autores.

Diante das vivências descritas e problemáticas levantadas, realizou-se um estudo de caso com um vendedor de rua licenciado. Aqui, no presente estudo, o foco não está em demonstrar o detalhamento de todo o estudo de caso, porém, fundamentalmente, tem por desígnio confirmar as observações e dados coletados, como consequência, inferências de melhorias para a atividade de venda realizada nas ruas e direcionamentos para estudos futuros.

Então, por meio da interação entre pesquisadores da UFMA e da UFPR, também com a abordagem colaborativa (envolvendo a cocriação), o vendedor, morador do município Almirante Tamandaré - Paraná, que trabalha nas feiras de Curitiba, foi o protagonista do estudo com os seus saberes.

Uma vez que, o design colaborativo tem por objetivo envolver as pessoas usufrutuárias do projeto/produtos, proporcionando poder de decisão durante o processo e desenvolvimento

de novas ideias (redesign). Propôs-se um diálogo aberto, respeitando os saberes e vivências do vendedor, logo, inseriu-se o olhar da fabricação digital, que possibilita a impressão de peças/artefatos em 3D, além de ser uma possibilidade *open source* (fonte aberta), no qual outras pessoas podem usufruir do trabalho desenvolvido, por meio do acesso à Internet. E, com os critérios da ergonomia e sustentabilidade, vislumbrou-se um novo desenho para o artefato de apoio à venda do vendedor.

Nesse entendimento e por meio do cruzamento dos dados levantados, verificou-se que a atividade informal realizada nas ruas, com o auxílio dos artefatos de apoio à venda, gera as seguintes problemáticas aos vendedores: Postura inadequada e desconforto/dores (ocasionadas pelo transporte dos artefatos pesados, falta de lugar adequado para descanso, alimentação e ausência de banheiro); danos à saúde devido às intempéries (pois estão expostos ao sol, chuva e temperaturas baixas); e, violência verbal (os vendedores informais geralmente recebem insultos de pessoas que não gostam da presença deles).

Consequentemente, identificaram-se possíveis inferências de melhorias nos artefatos de apoio à venda, como: *adequação de manejos (pegas e empunhaduras)*, utilizados para o transporte das mercadorias (produtos comercializados); *ajuste nas alturas de bancadas de atendimentos*, que dependem do tipo de atividade desempenhada; *proteção contra intempéries*, como trabalham nas ruas, necessitam de proteção que os auxiliem nessa exposição; e, *criação de gavetas/espacos no artefato de apoio à venda*, a serem utilizados para guardar itens pessoais, entre outros objetos/produtos fundamentais para a atividade no dia a dia.

No que tange às melhorias do *posto de trabalho* dos vendedores de rua, os longos períodos de trabalhos podem ser intercalados com pausas durante o dia, ou até mesmo, o uso de apoio para os pés, melhorando a alternância de postura, visando evitar e/ou diminuir dores ocasionadas pela postura ocupacional adotada pelos vendedores.

Diante do exposto, é notório que, o trabalho informal, tanto o licenciado como o não licenciado, requer um conjunto amplo de intervenções e melhorias, levando em conta riscos específicos enfrentados por pessoas em diferentes ocupações, mesmo os que trabalham em locais de trabalho “atípicos” para um melhor desenvolvimento econômico e social de todos (LUND *et al.*, 2016). Portanto, discussões futuras, do projeto de pesquisa, buscarão desenhar soluções efetivas que auxiliem o vendedor de rua e a atividade em si, realizada com artefatos de apoio à venda, verificando com atenção os critérios que levaram a fabricação dos artefatos (suas formas e respectivos materiais) para o direcionamento de novos modelos de artefatos.

5. Considerações finais

O estudo não pretende ser um fim, visto que teve como foco a divulgação das vivências acadêmicas em missão de estudos PROCAD, ocorrida na cidade de Curitiba, em 2019. Também, buscou ser um meio de lançar luz sobre reflexões contemporâneas acerca do trabalho nas ruas praticados por indivíduos que, muitas das vezes, encontram-se à margem da sociedade, um dos pontos de investigação do design, no projeto *Design de Base Popular e inserção social: o caso do trabalho informal, foco na função prática*; proposto pelo Núcleo de Ergonomia em Processos e Produtos – NEPP, da UFMA.

O diálogo por meio de entrevistas semiestruturadas permitiu verificar a rotina da atividade de venda, observando os artefatos de apoio à venda, e desse modo, outras informações foram coletadas para alicerçar a dissertação de mestrado desenvolvida por Yrisvanya Macedo,

como: a função, criação, produção, uso, motivação para fazer o artefato, manutenção, produto/serviço prestados com as estruturas e descarte das mesmas.

As observações não ocorreram apenas no âmbito da pesquisa, focada na atividade de venda realizada pelo comércio informal das ruas, mas também, com o olhar no conjunto físico e cultural da cidade de Curitiba. Nuances da cidade foram exploradas, tanto a arquitetura, com seus edifícios monumentais, como às pessoas e seu modo de interagir.

Considera-se que a atividade informal desempenha um papel importante na economia, e, na medida que os vendedores de rua criam ou reformulam algo para um fim, ou tentam atender a uma necessidade e resolver um problema, os mesmos criam cursos de ação em direção a uma situação preferível, essa definição abrange a maioria das formas de design. Visto que, “em uma dimensão, design é um campo de pensamento e pesquisa pura, em outra, design é um campo de prática e de pesquisa aplicada” (FRIEDMAN, 2016, p. 25). Dessa forma, pensando e fazendo design, com base nos resultados das condições de venda, evidências e identificações, possíveis melhorias, no que diz respeito a uma melhor adequação entre o vendedor de rua e o artefato, foram levantadas no estudo.

Os vendedores de rua geralmente deslocam-se com suas estruturas de apoio à venda (artefato) por longas avenidas para garantir o sustento próprio e familiar, pois, comumente, não encontram trabalhos formais. Nesse entendimento, como políticas públicas e legislações não conseguem resolver a demanda, entende-se que o desenho urbano precisa atender os empreendedores das ruas de modo justo e ético, visto que também pagam impostos. Além disso, em cenários de crises atípicas, a exemplo, a crise de pandemia provocada pelo COVID-19 (doença causada pelo coronavírus), que pode impossibilitar ou dificultar a atividade de comercialização presencial, necessita de novos direcionamentos e soluções.

Portanto, os passos iniciais no projeto *COMUNIDADES CRIATIVAS E SABERES LOCAIS: design no contexto social e cultural de baixa renda* aconteceram com êxito e, com a continuação das ações, novos percursos ampliados serão traçados pelos pesquisadores envolvidos no projeto, respeitando os saberes tradicionais e locais, para o desenvolvimento socioeconômico sustentável.

Agradecimentos

Os autores agradecem à CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que possibilitou o intercâmbio de alunos da graduação e da pós-graduação da Universidade Federal do Maranhão para a Universidade Federal do Paraná, por meio do projeto PROCAD, durante o estudo de campo relatado no de 2019. Aos discentes da pós-graduação da UFPR, Gabriel Tanner e Camila D. Pereira. Aos professores da UFPR, Prof. Dr. Aguinaldo dos Santos e Profa. Dra. Maria Lucia Okimoto.

Referências

ACHEAMPONG, Ransford A. Spatial planning and the urban informal economy. In: *Spatial Planning in Ghana*. Springer, Cham, 2019. p. 269-288.

ADOM, Kwame; WILLIAMS, Colin C. Evaluating the explanations for the informal economy in third world cities: some evidence from Koforidua in the eastern region of Ghana. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 10, n. 2, p. 427-445, 2014.

BOSCH, Mariano; ESTEBAN-PRETEL, Julen. Job creation and job destruction in the presence of informal markets. **Journal of Development Economics**, v. 98, n. 2, p. 270-286, 2012.

CHEN, Martha; VANEK, Joann; HEINTZ, James. Informality, gender and poverty: A global picture. **Economic and Political Weekly**, p. 2131-2139, 2006.

CHEN, Ying; XU, Zhun. Informal employment and China's economic development. **The Chinese Economy**, v. 50, n. 6, p. 425-433, 2017.

COLETTI, Diego. **The informal economy and employment in Brazil: Latin America, modernization, and social changes**. Springer, 2010.

CORRÊA, Ronaldo. **Quando a galeria é a cidade**. **Medium**, 2018. Disponível em: <https://medium.com/fotocronografias/quando-a-galeria-%C3%A9-a-cidade-a8b92a99b49b>. Acesso em: 29 jul. 2018.

CROSS, John. Street vendors, and postmodernity: conflict and compromise in the global economy. **International journal of sociology and social policy**, 2000.

ELBAHNASAWY, Nasr G.; ELLIS, Michael A.; ADOM, Assandé Désiré. Political instability and the informal economy. **World Development**, v. 85, p. 31-42, 2016.

ELGIN, Ceyhun; OZTUNALI, Oguz. Institutions, informal economy, and economic development. **Emerging Markets Finance and Trade**, v. 50, n. 4, p. 145-162, 2014.

ELLWANGER, D.; NIEMEYER, L. **Revisão e reflexão sobre design social**. In: MENEZES, M. S., MOURA, M. (Org.). **Rumos da Pesquisa no Design Contemporâneo: inserção social**. 1.ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013, v. 1, p. 265-285.

FORNASIER, Cleuza BR; MARTINS, Rosane FF; MERINO, Eugenio. **Da responsabilidade social imposta ao design social movido pela razão**. 2012.

FRIEDMAN, Ken. Construção de teoria na pesquisa de design: critérios, abordagens e métodos. **Arcos Design**, v. 9, n. 2, p. 1-30, 2016.

HART, Keith. Informal income opportunities and urban employment in Ghana. **The journal of modern African studies**, v. 11, n. 1, p. 61-89, 1973.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Ed. Objetiva, 2001.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **Women and men in the informal economy: a statistical picture (third edition) / Geneva, 2018**. Disponível em: https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_626831/lang--en/index.htm. Acesso em: 14 set. 2019. ISBN:789221315803.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **World employment and social outlook: trends 2015**. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_337069.pdf. Acesso em: 14 set. 2019. ISBN 978-92-2-129260-9

- LOUKAITOU-SIDERIS, Anastasia; MUKHIJA, Vinit. Responding to informality through urban design studio pedagogy. **Journal of Urban Design**, v. 21, n. 5, p. 577-595, 2016.
- LUND, Francie; ALFERS, Laura; SANTANA, Vilma. Towards an inclusive occupational health and safety for informal workers. **New Solutions: A Journal of Environmental and Occupational Health Policy**, v. 26, n. 2, p. 190-207, 2016.
- MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade (LIVRO): Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Editora E-papers, 2008.
- MANZINI, Ezio. **Design, when everybody designs: An introduction to design for social innovation**. MIT press, 2015.
- MARQUES, V.H.P.; NETO, J.A. Análise da organização do trabalho ambulante e suas repercussões – estudo de caso em uma praia de grande atração turística do Rio Grande do Norte. In: XVII SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. **Anais...** Bauru: UNESP, 2010.
- MOURA, Mônica Cristina. Design para o sensível: Política e ação social na contemporaneidade. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, v. 2, n. 2, p. 044-067| 068-090, 2018.
- NAIDOO, R. J.; KESSY, F.; MLINGI, L. Respiratory health of stonecrushers from the informal sector in Tanzania. **Occupational Health Southern Africa**, v. 15, n. 6, p. 6-13, 2009.
- PACKARD, Truman G. **Do workers in Chile choose informal employment? A dynamic analysis of sector choice**. The World Bank, 2007.
- RUZEK, William *et al.* The Informal Economy as a Catalyst for Sustainability. **Sustainability**, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2014.
- SALÈD I. (2018). The Street Vendors Act and the right to public in Mumbai. **Journal of Urban Research** 17-18.
- SCHNEIDER, Friedrich; ENSTE, Dominik H. Shadow economies: Size, causes, and consequences. **Journal of economic literature**, v. 38, n. 1, p. 77-114, 2000.
- SNOW, Charles C. Organizing in the age of competition, cooperation, and collaboration. **Journal of leadership & organizational studies**, v. 22, n. 4, p. 433-442, 2015.
- TRUONG, V. Dao. Tourism, poverty alleviation, and the informal economy: the street vendors of Hanoi, Vietnam. **Tourism Recreation Research**, v. 43, n. 1, p. 52-67, 2018.
- WILLIAMS, Colin C. Beyond the formal economy: evaluating the level of employment in informal sector enterprises in global perspective. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, v. 18, n. 04, p. 1350027, 2013.
- WILLIAMS, Colin C. Tackling informal employment in developing and transition economies: a critical evaluation of the neo-liberal approach. **International Journal of Business and Globalisation**, v. 14, n. 3, p. 251-270, 2015.